A repressão sexual feminina na obra "*Carrie*" do autor Stephen King

Sabrina Queiroz dos Santos[1]

Resumo: O presente artigo sugere uma análise da obra "Carrie", (1974), de Stephen King, por meio de um estudo sobre a repressão sexual frente aos padrões morais da sociedade Americana no século XX. O estudo se principia com breve panorama histórico da proibição do sexo, ditados pela sociedade machista, tomando como embasamento teórico as principais obras de Simone Beauvoir, *O Segundo Sexo* (1970); Simone Beauvoir, *O segundo sexo – a experiência* vivida; Michel Foucault, *História da Sexualidade* (1999); Betty Friedan (1963) *A Mística Feminina*, e Germaine Greer (2010) *The Female Eunuch*, sendo estes, exceto Foucault, principais obras do movimento feminista entre os anos de 1960 e 1999. A análise da obra está focada nas personagens Carrie White e Margaret White, discutindo o relacionamento entre mãe e filha no qual Margaret transmite a sua filha a repressão da educação religiosa voltada a proibição do envolvimento com o sexo.

Palavras-chave: Repressão; King; sexualidade

Abstract: This article suggests an analysis of the work "Carrie" (1974), by Stephen King, through a study on the sexual front repression to the moral standards of the American society in the twentieth century. The study begins with a brief historical overview of the prohibition of sex dictated by the male-dominated society, taking as theoretical basis the major works of Simone Beauvoir, The Second Sex (1970); Simone Beauvoir, The Second Sex - lived experience; Michel Foucault, History of Sexuality (1999); Betty Friedan (1963) The Feminine Mystique, and Germaine Greer (2010) The Female Eunuch, which are, except Foucault, major works of the feminist movement between the years 1960 and 1999. The analysis of the work is focused on the characters Carrie and Margaret White, discussing the relationship between mother and daughter in which Margaret gives her daughter the repression of religious education that prohibited the involvement with sex.

Keywords: Repression; King; Sexuality

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a analisar a obra "Carrie" de Stephen King, traçando um breve panorama histórico da intensa repressão sexual feminina, para comparar o comportamento estranho e assustador da personagem Margaret White, uma cristã doentia que deturpava os ensinamentos da religião e oprimia de maneira brutal sua filha Carrie White, personagem principal da obra. Margarethobriga Carrie a viver de forma constrangedora, com a única intenção de jamais sua filha conhecer o pecado, ou seja, o sexo.

---

[1]Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Letras, sob orientação da professora Mestra Mariana Rissi Azevedo, a ser definido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação da professora Laura Miranda de Castro, do Curso de Letras do Instituto de Educação, [2]Acadêmica finalista do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa, do IEAA/UFAM; sob a matricula 21108949, e-mail: sabrina-z2z@hotmasil.com.

Serão reveladas no presente estudo algumas conquistas do movimento feminista de 1970, além da condição social da mulher em meio ao regime patriarcal da sociedade opressora do século XX, para demonstrar a repressão da sexualidade através da perspectiva moralista cristã deturpada pela personagem Margareth White na obra "Carrie".

Diante do estudo proposto, o foco de análise se estabelece entre as principais personagens da obra em questão; Margareth White institui uma educação repressora para sua filha Carrie White, que, como conseqüência, é desprezada pela sociedade da época. No decorrer da leitura é nítida a confusão emocional enfrentada por Carrie em relação à comparação de sua vida anormal com a vida dos colegas de sua escola, no entanto ela se vê obrigada a seguir os padrões morais que sua mãe impunha em nome de ensinamentos religiosos deturpados.

Realizou-se um levantamento de cunho bibliográfico e teórico acerca da história da sexualidade através da perspectiva de Michel Foucault (1988), da crítica literária feminista Simone de Beauvouir (1980), Germaine Greer (2010) e Betty Friedan (1963) dando enfoque nas questões de regras morais do comportamento feminino, também foi necessário obter uma leitura da Bíblia no livro de provébios para reforçar que Margareth White distorcia os ensinamentos religiosos para reprimir a si mesma e a Carrie.

Neste presente artigo utilizou-se a partir desses escritores uma abordagem embasada nos conceitos da teoria do feminismo, na repressão da mulher e vários aspectos mediante a sociedade opressora em muitos aspectos adotados no patriarcalismo.

1) Breve panorama referentea luta por direitos femininos.

A repressão sexual feminina ainda é intensa na sociedade contemporânea, no entanto é algo tão antigo quanto à convivência do homem na sociedade. O preconceito em relação à liberação sexual feminina ainda é um obstáculo na vida de muitas mulheres. Desconsiderando tal viés adotado do patriarcado na qual a mulher era idealizada apenas como dona de casa, as feministas Simone Beauvoir (1980) e Germaine Greer (2012) afirmam que a liberdade sexual das mulheres está relacionada ao comportamento que escolhem adotar. É necessário reconhecer que atitudes

submissas e machistas devem ser mudadas para deixarem de serem vistas como mercadorias sexualmente utilizáveis segundo o desejo dos homens, mas sim conforme o desejo das mulheres em obterem prazer do ato sexual. No entanto, iniciar esta emancipação referente à liberdade sexual, da qual as mulheres necessitavam, não era fácil perante a sociedade moralista. Beauvoir (1980), em sua obra *O segundo sexo - a experiência vivida*, afirma:

> Por outro lado, nas esferas em que a emancipação feminina é aceita, reconhece-se às moças a mesma liberdade sexual que se reconhece aos rapazes. Entretanto, a ética paternalista reclama imperiosamente que a noiva seja entregue virgem ao esposo; este quer ter certeza de que ela não traz em si um germe estranho; quer a propriedade integral e exclusiva dessa carne que torna sua; a virgindade adquiriu um valor moral, religioso e místico e esse valor é ainda geralmente reconhecido hoje(BEAUVOIR, 1949, p. 183).

Durante muito tempo na antiguidade houve um padrão de comportamento imposto a mulher, cheio de regras e valores ditados por uma sociedade machista patriarcal. A mulher deveria preservar sua "pureza" (virgindade) com o intuito de ser respeitada pela sociedade, e ter um modo de vida condizente ao papel de esposa, mãe e dona de casa, porém com o passar do tempo grande porcentagem desses conceitos foram mudados pelas conquistas feministas.

Estudos feita por Betty Friedan (1963), em sua obra intitulada *A Mística Feminina*, relatam a insatisfação feminina, cujo único papel é ser mãe, dona de casa e esposa.Vários depoimentos levaram a autora a debater o real motivo das mulheres, cujas vidas eram consideradas "perfeitas", a se sentirem vítimas de uma "felicidade" imposta, como se a base da satisfação feminina fosse a maternidade, e a dedicação ao lar e ao marido.

Nos Estados Unidos, a partir da década de 70, houve uma revolução feminina, política, ideológica, sexual entre outras, na qual a mulher conquistou uma nova posição perante a sociedade. Durante muito tempo as relações construídas entre os seres humanos foram sendo cuidadosamente determinadas e regidas pelo sexo masculino, sendo que tais comportamentos caminharam para a repressão sexual feminina. Porém pôde-se observarno decorrer do tempo quea mulher começou a tomar lugar, voz e vez, e as oprimidas por regras machistas começaram a ganhar novos horizontes.

Para observar um pouco como se deu a liberação da natureza oprimida, será exposto o movimento feminista que tanto beneficiou as mulheres ao passar dos séculos.

De acordo com registros históricos, ahistória do feminismo possuiu grandes momentos: no século XIXhouve reivindicações ao direito a educação; no século XX as reivindicações foram referentes ao voto, divórcio, e igualdade nas condições de trabalho; o fim da década de 1960, foi marcado pela liberação sexual impulsionada pelo uso da pílula anticoncepcional; em 26 de agosto de 1970, mais de 20.000 mulheres foram às ruas em Nova York e em todo o EUA, reivindicando o fim das desigualdades de oportunidades no mercado de trabalho, direitos políticos para as mulheres e igualdade social nas relações como o casamento.

Referindo-se não somente a sexualidade, mas também ao mercado de trabalho, pôde-se perceber que ainda hoje se encontram mulheres que não são reconhecidas por mérito próprio, ganhando trinta por cento a menos que os homens pelo mesmo trabalho, não levando em consideração a igualmente educação e qualificação em uma determinada área de trabalho. Betty Friedan (1963) afirma que as mulheres:

> Constituindo quase metade da mão-de-obra da nação em 1930, caíram para apenas 35% em 1960, apesar de ter triplicado o número de diplomadas em cursos superiores. O fenômeno foi o grande aumento no número de mulheres formadas que decidiram ser domésticas. Contudo, para a moradora da cidade, permanece o fato de que inúmeras tarefas que costumavam ser feitas em casa não mais o são: fazer pão, tecer, costurar, instruir as crianças, cuidar dos doentes e das pessoas idosas. A mulher pode inverter o curso da história (FRIEDAN, 1963, p. 209).

Percebe-se que apesar de muitas mulheres terem em mãos diplomas que as capacitassem a obter uma posição no mercado de trabalho, restringiam-se aos afazeresdomésticos, muitas vezes por opção própria ou devido à inexistência de vagas. Apesar de serum grande passo para a liberdade feminina a obtenção de um diploma,as qualificações no mercado de trabalho através dos diplomas não as beneficiavam por conta das vagas serem direcionadas prioritariamente aos homens, o que incentivou diretamente os movimentos feministas a luta por igualdade no mercado de trabalho.

Tomando como base momentos históricos desde a primeira onda feminista, que por meio de constantes batalhas buscavam conquistas por melhores condições, as mulheres aos poucos se direcionavam para uma possível liberdade, influenciadas por críticos literários feministas, filósofos entre outros, tais como Michel Foucault, Simone Beauvoir, Betty Friedan e Germaine Greer. Tais batalhas intencionavam a autonomia feminina que até então era reprimida por regras do patriarcado.

Apesar de tudo que foi feito através das lutas feministas lideradas por Betty Friedan, ou pensadas por Simone Beauvoir, ainda há uma grande repressão sexual

feminina. É de se esperar então, que diante de tanta constatação, não é surpreendente que tenha surgido um intenso debate sobre os valores vinculados à liberdade sexual feminina, considerando o bem estar que tal ato traria para a mulher. Os debates críticos literários feministas contribuíram para a expansão de direitos das mulheresao que se refere à liberdade sexual na sociedade, e incentivaram também a revolução sexual, na qual se tornaram mais permissivas com atitude mais experimental em relação ao sexo.

Simone de Beauvoir (1980) mostra comoa mulher adquiria o padrão de comportamento imposto pela sociedade, sendo caracterizada por donzela ingênua, mãe absorvente ou até mesmo como uma virgem, e constata cuidadosamente o destino tradicional da mulher tendendo a afirmar uma postura ante ao homem e de sua inteira independência, na qual esta venha experimentar o medo de conhecer e principalmente viver desejos intensos ultrapassando limites do próprio corpo, limites esses que vinham a beneficiá-la mediante a independência, que não é somente referente à sexualidade.

O número de mulheres solteiras e casadas trabalhando fora aumentou significativamente, e essa foi uma das tendências de reflexo de atitudes mais livres em relação ao papel da mulher na sociedade, fato este que serviu em muitos países para libertar a mulher do repressor modelo padrão de comportamento feminino. Beauvoir (1980) por sua vez fala:

> Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separa do homem; só o trabalho pode lhe assegurar uma liberdade concreta. Desde que ela deixe de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais um mediador masculino (BEAUVOIR, 1980, p.449).

A mulher por ser dependente ao homem se tornava inferior a ele, principalmente referente ao trabalho, que apesar de ambos possuírem igualdade a quantidade de trabalho, o dever doméstico não possui remuneração, e por conta disso as mulheres eram consideradas pela sociedade serviçais, pois somente o homem trazia o sustento para casa. Segundo Beauvoir (1949) desde os tempos patriarcais, as mulheres foram forçadas a ocupar um lugar secundário em relação ao mundo dos homens, uma posição comparável em muitos aspectos com o de minorias raciais, apesar das mulheres constituírem numericamente, metade da raça humana, e esta posição secundária não é imposta por necessidade ou por características naturais "femininas", mas sim por fortes forças ambientais da tradição educacional e social sob o controle intencional de homens, Beauvoir afirma que:

> Na hora atual, sem falar das camponesas, em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens (Beauvoir, 1980 p.450).

A maldição que pesava contra as mulheres nos tempos patriarcais, é que a mesma não tinha direito de expressar-se, não lhe sendo permitido demonstrar que era capaz de provar sua inteira responsabilidade mediante ao trabalho e que teria capacidade de trazer também o sustento da família. O fato é que com o passar dos tempos e de grandes lutas, os homens passam á conformar-se com a nova condição da mulher, pois hoje a grande maioria das mulheres que trabalha tende a não se descuidar e por isso em sua feminilidade não perdem sua atração sexual.

Michel Foucault (1999), em sua obra intitulada *A história da sexualidade – O uso dos prazeres* discute de forma esclarecedora a forma de como a mulher deveria ser vista nos séculos passados, e é interessante observar como o autor é irônico em chamar a sociedade moralista da época de gentalha, pois a mesma considerava o sexo como vício ou até mesmo delito. Foucault, a partir dessa análise acerca da sexualidade, afirma que o sexo deveria ser visto e vivido com intensidade, oposto as crenças da sociedade moralista que adotava atitude repressora aos cidadãos da época:

> Afigura-se um mundo de perversão, secante em relação ao da infração legal ou moral, não sendo, entretanto, simplesmente uma variedade sua. Surge toda uma gentalha diferente, apesar de alguns parentescos libertinos. Do final do século XVIII até o nosso, eles correm através dos interstícios da sociedade perseguida pelas leis, mas nem sempre, encerrados freqüentemente na prisão, talvez doentes, mas vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que traz também o nome de vício e, às vezes de delito(FOUCAULT, 1999, p.40).

Constata-se então que o autor relata que essa dimensão de infração legal ou moral da sexualidade, por muito tempo foi oculto pela verdadeira realidade sobre o sexo, ou seja, no controle da livre expressão da fala sobre o sexo. É importante observar que a revolução sexual não foi uma experiência objetivamente voltada somente por jovens, mas também por grande parte da população adulta, e o feminismo ganhou grande espaço mediante a essa revolução, afinal eram as mulheres as mais prejudicadas.

Um dos exemplos dessa nova mentalidade é a garantia tanto no matrimonio quanto no jurídico que a mulher conquistasse poder e obtivesse condições de escolher suas próprias metas e costumes. Outro aspecto a ser levantado sobre essa mesma liberdade de expressão é referente ao que realmente seria propício falar seguido da

análise aqui proposta, ou seja, a liberdade de expressão de prazeres no sexo, e o que tal ato venha beneficiar o corpo e a própria vida em si, é o que Foucault vem dizer:

> O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. É por isso que, no século XIX, a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância; tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível constituí-la (FOUCAULT, 1999, p. 137).

Daí a importância das intervenções onde o ser humano limitou a rígida moral que a sociedade adquiriu por muito tempo consequentemente adotada da era patriarcal, regras moralistas que pesou muito mais tempo para com o sexo feminino, o que as resultou em aspectos nada favoráveis, ou seja, o estado de histeria para muitas mulheres. Michel Foucault (1999), ainda contribui dizendo que um dos motivos da mulher chegar a um estado de histeria, é pelo fato de ser considerada apenas como um simples objeto de prazer sem obter prazer, pois é no século XX, a partir de movimentos feministas, que grande porcentagem das mulheres ganha direitos deixando de ter somente a obrigação de ser dona de casa e transmitir satisfação sexual ao homem:

> A personagem investida em primeiro lugar pelo dispositivo de sexualidade, uma das primeiras a ser "sexualizada" foi, não devermos esquecer, a mulher "ociosa", nos limites do mundo – onde sempre deveria figurar como valor – e da família onde lhe atribuam novo rol de obrigações conjugais e parentais: que assim apareceu a mulher "nervosa" sofrendo de vapores; foi aí que a histerização da mulher encontrou seu ponto de fixação (FOUCAULT, 1988, p.113).

O primeiro momento do movimentofeminista de 1970 fora influenciado por muitas teorias de escritores daquela época, tais como Simone Beauvoir; Betty Friedan, e Germaine Greer. As autoras enfatizavam a importância do corpo feminino, e de como saber exercitá-lo adequadamente conhecendo principalmente suas necessidades, o que ocasionou grande avanço, afinal muitas mulheres destinavam suas vidas a rotinas detotal desprazer, e muitas desconheciam o bem estar que o resultado prazeroso do sexo trazia para suas vidas.

GermaineGreer em sua obra "*The FemaleEunuch*" (1971) discute o estado em que a mulher se encontra ainda nos tempos atuais, sempre se apresentando disponível para ser "usada" sexualmente. Sua sexualidade é exposta como passiva, seu corpo é suprimido e as características elogiadas são a timidez, delicadeza e preciosismo, sendo

que na verdade a mulher moderna, através de lutas e consquistas, ganhou aspectos positivos mediante a sexualidade, tendendo a ultrapassar a característica de dócil e meiga, adquirindo liberdade de expressão e atos, assumindo assim que seu único inimigo era em grande porcentagem, e continua sendo, a discreminação pelo sexo. Greer relata que:

> Women must learn how to question the most basic assumptions about feminine normality in order to reopen the possibilities for development which have been successively locked off by conditioning. (GREER, 2010 p.17)

Com isso percebe-se que o fato das mulheres tomarem essas iniciativas favoráveisàs práticas sexuais, modificou o ato sexual que passava a ter iniciativa tanto masculina quanto feminina. Isso faz com qu[2]e na maioria das vezes, as opiniões de ambos entrem em acordo prazeroso, prevalecendo o ato sexual em si desejavel para ambos, tirando a mulher do lugar onde se sentia minoritária e sem espaço algum.

Outra questão ressaltada por Greer é que as mulheres têm utilizado uma máscara sem ter a oportunidade de mostrar que era uma máscara, elas foram privadas do idealismo e por isso elas não tiveram um contato mais próximo da realidade. They have been charged with deviousness and duplicity since the dawn of civilization (GREER, 2010, p.129). O que acontece é que, em muitas ocasiões, as mulheres ainda sãovistas como nos tempos primordias, em que eram direcionadas a abondonar sua autonomia e seguir o que a sociedade determinava, e eram forçadas a acreditarem que suas obrigações se resumiam a cuidar de casa e dos filhos. Qualquer atitude que se distanciasse dessa ideologia de regras destinatais para com as mulheres já era considerada justificativa de desrespeito.

A maioria das mulheres chegou ao poder porque adotaram métodos masculinos que são incompatíveis com a mascarada de feminilidade, no entanto, quando finalmente tiverem a oportunidade de mostrar suas verdadeiras faces e se posicionar mediante a sociedade opressora, devem desenvolver uma forma de poder verdadeiro, sem precisar de máscara:

---

[2]As mulheres devem aprender a questionar as premissas mais básicas sobre a normalidade feminina, a fim de reabrir as possibilidades de desenvolvimento que têm sido sucessivamente trancadas fora por condicionamento (GREER, 2010 p.17).

Elas foram acusadas de desvio e duplicidade desde os primórdios da civilização (GREER, 2010, p.129).

> Woman must have room and scope to devise a morality which does not disqualify her from excellence, and a psychology which does not condemn her to the status of a spiritual cripple (GREER, 2010, p.131).

É necessário ressaltar que ainda existe muita resistência, justamente porque significa mudar as relações de poder entre homens e mulheres. A personagem Carrie do autor Stephen King, mostra um pouco da repressão sexual; seu modo de viver ocasionou seu fim trágico devido a insistência de mostrar sua verdadeira face, pois sua mãe Margareth White, que adquiriu desde muito jovem uma ideologia de excessiva religiosidade e aspectos puritanos, representa um pensar de uma socied[3]ade, não apenas direcionada ao século XIX ou XX, mas também da atualidade. Para melhor esclarecer este assunto dentro da obra é preciso comentar sobre o autor Sthepen King e a sociedade do século XX.

1. Stephen King e o valor literário de suas obras

Nascido em 21 de setembro de 1947, o americanoStephen Edwin King é um autor de estilo inconfundível que mescla suspense e horror, e por esta razão se destacou como um dos escritores mais notáveis do horror fantástico e ficção de sua época.

Entre várias de suas obras se constituiu o total de mais 600 romances, na qual a grande porcentagemde suas obras foi adaptada para origem fílmica. Stephen vendeu mais de 350 milhões de cópias de livroscom publicações em mais de 40 países; se tornou nono autor mais traduzido no mundo e um dos escritores de línguaingleses mais lidos do mundo.

Apesar de seu trabalho ser parte da literatura de terror/horror, o escritor escreveu muitas obras de características destoantes desse modelo e sua fama o inseriu no mundo do cinema com as adaptações de suas obras: "Lembranças de um Verão e À Espera de um Milagre, Christine, Eclipse Total, Conta Comigo, Um Sonho de Liberdade. Sthepen King também teve a oportunidade de escrever roteiros de episódios para séries, *Arquivo*

---

[3] Mulher deve ter espaço e permite conceber uma moralidade que a não desqualificam para a excelência, e uma psicologia que não venha condená-la ao status de um aleijado espiritual (GREER, 2010, p.131).

X, por exemplo, na qual escreveu o episódio "Feitiço" da quinta temporada e o seu livro *The Dead Zone* foi inspiraçãopara seriado da FOX com o mesmo nome.

Trabalhos críticos surgiram sobre a obra de Sthepen King, e, em suma grande maioria foi retratada de forma positiva, no entanto o autor também foi alvo de escritores acadêmicos. Na ficção científica vária escritores atribuíram estima a King, o que significou muito na vida do escritor que faz uma denúncia sobre aferocidade que a humanidade traz em si, e por isso foi respeitadoentre os mais qualificadose conhecidos escritores.

Em 1996 King ganhou um O. Henry Award devido ao conto*The Man in the Black Suit*. Em 2003 foi honrado pelo *Nattional Book Awards* sendo sua escrita aprofundada por um enorme conhecimento considerado a alma e o poder crescente da narrativa. King exprime veracidades de éticas intensas, bondade e ao mesmo tempo sátiras do coração do ser humano e possui facilidade para criticar com liberdade a sociedade, o que chamou a atenção de muitos escritores, e tornou-o bem-conceituado, sendo aclamado pelo público leitor como o mestre dos mestres.

A obra "Carrie" também demonstra essa denúncia da crueldade humana, pois é a partir dos pensamentos de King direcionados ao bullying, à repressão sexual, o fanatismo religioso, da ética moral entre outros, é que revela seu interesse em transmitir ao leitor a luta entre o bem e o mal. Carrie White é uma adolescente tímida e solitária dominada pela mãe que é uma fanática religiosa que reprime em sua filha qualquer manifestação de sexualidade, induzindo-a a achar que tudo é pecado, e, por conta disso Carrie se comporta estranhamente e é humilhada pelos colegas da escola.

Apesar de Stephen King em 2008 ser classificado no 21° lugar na lista do Entertainment Weekly de "Clássicos: Os 100 mais lidos desde 1983 até 2008, e ter sido aclamado por vários escritores, tais como Orson Card na qual afirmou que a escrita de King são absolutamente escritas literárias, pois foram escritas, divulgadas e lidas com entusiasmo pelos seus leitores, os representantes da academia literária não o analisam como um de seus preferidos pornãoser considerado um cânone da literatura Norte-Americana.

2. *Carrie* deStephen Edwin King

A obra "Carrie" do americano Stephen Edwin King ganhou espaço no mundo por ser a primeira obra do escritor a ganhar notoriedade dos leitores. No ano de 1974 foi

publicada em 3 partes. O próprio King refere-se a estaprimeira etapa do início de sua vida como escritor profissional como a mais emocionalmente instável, o que resultou em obras realmente perturbadoras. Carrie – a estranha teve três adaptações para o cinema, sendo a primeira em 1976, a segunda em 2002 e última em 2013.

O escritor usa na obra documentos ficionais, como trechos ou extratos de livros, notícias e outras transcrições, com o intuitode chamar mais atenção a história de "Carrie White". O enredo da obra"Carrie" se inicia contando o relato da chuva de granito que caiu na cidade de Chamberlaim que atingiu principalmente a casa de Margaret White, mãe de Carrie. Em sua infância Carrie é submissa a perspectiva perturbadora de sua mãe. A mãe de Carrie, Margaret White, uma cristã doentia e estranha, educou a jovem Carrie tendo como base uma doutrina repressora que ocasionou omodo de vida "estranho" de Carrie.

Carrie sempre teve dificuldade em sua escola, e aquele ano para ela estava sendo o pior por conta de ter se fechado em uma atmosfera criada por sua mãe e havia zombarias por parte de seus amigos de classe que sempre a excluiram do meio social. A primeira parte do livro, entitulada "Sangue e divertimento", é direcionada principalmente ao acontecimento que se sucedeu enquanto Carrie tomava banho após a aula de ginástica. A protagonista mesntrua e se torna histérica, pois sua mãe nunca havia lhe falado a respeito da biologia feminina, pois Margaret via a menstruação como o primeiro símbolo de um futuro "pecado".

Aluna do mesmo colégio que Carrie, Chris Hargensen a torna alvo de bullying, por ser uma garota rica emimada, liderava um grupo de jovens que desrespeitavam os demais alunos da escola, e tinha prazer de oprimir e marginalizar os estudantes que não faziam parte de seu grupo social. Chris, juntamente com suas colegas, atiram em Carrie vários absorventes; quando a professora de ginástica, chamada Desjardin, chega ao banheiro, reprende as alunas e fica perplexa por notar que Carrie não sabia o que lhe ocorria naquele momento e então ajuda Carrie com o ocorrido e a libera para casa por conta do stress emocional vivido pela personagem, porém quando chega em casa, sua mãe a diagnostica como uma mulher amaldiçoada, pois Carrie agora estava pronta para iniciar sua vida sexual e reprodutiva.

A professora Desjardin resolve punir todas a garotas que zombaram de Carrie impedindo-as de ir ao baile de fomatura da escola, porém o diretor da escola resolve dar apenas uma detenção bastante rígida aplicada pela própria professora de ginástica. No entanto a garota Chris Hargensen se nega a ir para a detenção,o que resulta em sua

suspensão ao baile, e Chris tenta, por meio de seu pai que é advogado, anular a decisão, mas nada consegue e por conta disto decide se vingar.

Com o passar dos dias Carrie descobre que possui poderes telecinéticos, lembrando-se de vários ocorridos desde sua infância que nem mesmo ela entende, como por exemplo a chuva de granito. Entretanto, Sue Snell, uma garota popular da escola e mehor amiga de Chris Hagersen, começava a se sentir mal pelo incidente com Carrie no banheiro, e convence seu namorado Tommy Ross, um garoto popular, a convidar Carrie para ir o Baile. Sue por sua vez suspeita estar grávida de Tommy Ross, mas nada comenta. Estranhando mas aceitando o convite de Tommy, Carrie resolve confeccionar seu próprio vestido vermelho, o que causa repugnância em Margareth White que não aceitava que a filha participaria do baile, Margareth reage ferozmente com o intuito de convencer Carrie a desistir da ideia, mas não obtém sucesso em sua tentativa.

Magareth acredita que sua filha estava se preparando para cometer o pecado da furnicação e que isso era sua maldição, mas Carrie tem o intuito de levar apenas uma vida normal, e vê o baile como um começo de uma convivência melhor com os colegas. Por outro lado Chris Hargensen, ainda furiosa pelo fato de Carrie ir ao baile, decide então à humilha. Com a ajuda de seu namorado Billy Nolan, uma pessoa cujo caráter é descrito como duvidoso, enche dois baldes com o sague de porcos, invadem o baile e os posicioonam bem acima do palco onde iria ser coroado o rei e a rainha do baile, Chris então trapasseia para que na hora do baile Tommy e Carrie sejam eleitos rei e rainha do baile.

Carrie surpresa e muito nervosa por ser eleita rainha do baile vai até o palco junto com Tommy, e após sua coroação é banhada com sague o que torna a noite do baile tenobrosa. Tommy é acertado com o balde em sua cabeça e morre; Carrie em estado de choque usa seus poderes para se vingar transformando o baile em desespero coletivo. As portas são fechadas e muitas pessoas morrem vítimas de acontecimentos inexplicáveis.

No caminho de volta para casa, Carrie queima grande parte da cidade de Chanberlaine,e, chegando em sua residência confronta sua mãe que acredita que Carrie está em fase de possuição diabólica e que a única maneira de salvá-la é matando-a. Margareth revela que Carrie foi a concepção de um estupro matrimonial, e a esfaqueia no ombro. Em um momento de desespero, e sem controle de seu dom, Carrie ocasiona em sua mãe uma parada cardíaca que a leva a óbito.

Carrie ainda muito machucada atravessa os quintais até chegar na Route 6. Enquanto isso, Chris Hargensen e Billy Nolan, após comemorarem sua vingança, são informados sobre o incidente do baile e resolvem caçar Carrie e após à escontrar, Carrie toma controle do veículo de Billy e faz o carro explodir, matando ambos.

Sue Snell, foi seguindo Carrie por seu rastro de sangue e a encontrando desmaiada em um estacionamento, as mesmas tem uma breve conversa telepática e Carrie nada faz contra Sue, pois acredita que a mesma é inocente e que nunca sentiu nenhum tipo de desafeto contra ela, sendo assim à perdoa e em seguida morre.

Após a morte de Carrie, Sue sai atordoada e percebe seu sangue mestrual descendo por suas pernas, consequência de um aborto "espontâneo".

3. A influência repressora de Margareth White sobre sua filha Carrie White.

Na obra "Carrie", a protagonista é revelada ao leitor como sendo uma jovem possuidora de uma tocante solidão devido ao afastamento que tinha das pessoas. Apesar da personagem Carrie ser consequentemente possuidora de um dom telecinético, esta análise não abrange o meio da vertente fantástica pelo qual a obra está inserida, mas sim uma análise atravéz da psicologia, sociologia e crítica literária feminista.

Apesar da personagem Carrie frequentar ambientes em que deveria ter mais contato com as pessoas, a jovem se isolava em seu próprio mundo e carregava em seu coração um inquietante sentimento desde sua infância, por ser reprimida pela mãea não cometer atos da junventudes de pessoas comuns, e jamais ser igualada a jovens de sua idade, principalmente ao que se refere a sexualidade.

A personagem Margareth White se destaca por possuir estranhos comportamentos com a filha devido à sua intensidade de fanatismo religioso e acima de tudo por possuir aspectos deloucura, pois ultrupassa os limites dos ensinamento da doutrina religiosa. Margareth torna a filha seuobjeto de opressão e estabelece uma relação extremamente abusivade vilência desde a infância de Carrie, como o próprio narrador afirma:

> CAAAARRRRIEEEEE! – berrou a mãe. – Ergui-me de um salto e berrei também: Não grite com ela desse jeito! A senhora devia até ter vergonha! – qualquer besteira dessas; nem me lembro direito. Carrie começou a voltar, parou, deu mais uns passos e pouco depois de atravessar o nosso quintal para o seu, virou-se e me olhou com um olhar... horrível, meu Deus. Nem sei como de ódio, medo... e desgraça. Como se a propria vida tivesse desmoronado em cima dela, e isto tudo na idade de três anos (KING, 1974, p.29).

É por meio dessas opressões que o mundo da jovem Carrie torna-se um verdadeiro tormento. Seguir a doutrina religiosa de forma abusiva e distorcidadificulta a relação com a filha.A infância de Carrie,aterrorizada por sua mãe, sempre foi um suplício por ser obrigadaa respeitar a loucura de Margareth, que tornava tudo e todos em pecado, e consequentemente,enraizava em Carrie um aspecto estranho aos olhos da sociedade conteporânea. Durante a narrativa o tormento da infância de Carrie é descrito:

> A mãe tinha ganho um relógio numa rifa. Certa vez, na sexta série, Carrie decidira perguntar à mãe se rifa não era pecado, mas não teve coragem (KING, 1974, p.32).

Estaria aí o real motivo de Carrie ter se tornado estranha, em adquerir desde muito cedo o aspecto físico e ideologico de que tudo era pecado, o que deixava o seu comportamento totalmente anormal. Carrie até então não entendia o comportamento anormal da mãe,afinal a religião em si não visava o sofrimento de ninguém, no entanto ela sofria, e o medo de expressar-se contra sua mãe lhe dominava, pois temia ser castiga por Deus como sua mãe sempre lhe precaveu. A jovem Carrie então crescera com medo e o carrega consigo até quando adquire, na adolescencia, um olhar sobre outros estilos de vida considerado mais apropriados pela sociedade conteporânea.Margarteh White obviamente não admitia este novo olhar e agredia a filha constantemente, o que resultou em grande trauma paraCarrie, dificultando assim seu relacionamento com jovens de sua idade, e consequentemente acarretou o final trágico de sua vida. A agressão sofrida por Carrie é visívelcom clarezano enredo da obra:

> A mãe veio se encaminhando para ela, e de repente sua mão ergueu-se e desceu ágil e rápida, uma mão dura, musculosa, cheia de calos de ferro. Com as costas acertou o maxilar de Carrie que caiu no limiar da porta, entre a entrada e a sala soluçando alto. O novo chute atingiu as nádegas de Carrie. Seu nariz raspou no assoalho de madeira. Meio em pé, meio rastejando, a mãe arrastou-a até o altar onde ambas caíram de joelhos. Com toda força a mãe segurava o braço de Carrie. [...] Um novo chute atingiu as nádegas de Carrie. Seu nariz raspou no assoalho de madeira. Estavam entrando no recinto do altar (KING, 1974, p. 43-4).

As demonstrações de violência e repressão de Margareth White se intesificam no decorrer da vida de Carrie, e seus pensamentos pioram ao perceber que poderia perder sua filha para o mundo da luxuria; Carrie então passa a duvidar do amor de sua mãe que estaria sempre disposta a obriga-la a seguir uma vida que à ridicularizava perante aos olhos da sociedade e a impedia de ter o convívio social de uma pessoa normal. Uma revolta desperta em Carrie, afinal Margath White poderia evitar constrangimentos desnecessários na vida de Carrie ou até mesmo torná-la mais comunicativa:

> Vestiu o vestido perla primeira vez, no seu quarto, na manhã de 27 de maio. Tinha comprado um sutiã especial para usar com ele, que erguia o busto adequadamente e deixava a metade de cima descoberto. Dava-lhe uma sensação estranha de mistério e sonho, uum misto de vergonha e excitação...- Vermelho – murmurou a mãe. – Tinha que ser vermelho. Carrie não espondeu. – Estou vendo seus travesseirimundos. Todos mundo vai vê-los também. Vão olhar para seu corpo. O livro diz... – Isso são meus seios mãe. Toda mulher tem. – Tire esse vestido – Disse a mãe.(KING, 1974, p.93).

Percebe-se que Carrie já adquire uma nova visão da vida e o fato de Margareth a impedi-la até mesmo de usar roupas que ao seu ver eram inadequadas, já caracteriza traços de extrutura patriarcal na qual julgava a mulher por ultrapassar as limitações ditas pela sociedade machista da época suscitando e representando o principal motivo de desrespeito e violência.

Para Margareth todas as jovens estavam perdidas no mundo do pecado, porque aos seus olhos o sexo era pior pecado da raça humana, e tudo que estava ligado ao ato poderia ser considerado uma maldição, um exemplo dessa afirmação é a mestruação, que evidencia que uma jovem passa a ser mulher pronta a procriar. Porem é importante observar o quanto Margareth White ultrapassa o limites da dourtina cristã, sendo que a propria religião nunca descriminou o ato sexual, desde que seja abençoado diante de Deus: o casamento.

Na Bíblia Sagrada Novo testamento, em Gênesis Capítulo I, versículo 28 a palavra de Deus explica com muita clareza: "E Deus os abençoou e disse: Sedes fecundas e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a", no sentido de procriação. No entanto no enredo é visível a extrema loucura adotada por Margareth diante a doutrina cristã que a impede de procriar conforme a naturalidade da sexualidade:

> Quase no final da carta Margareth declara que é a única maneira de você e aquele homem conseguirem evitar a chuva de Sangue que está por vim. Eu e Ralfh, á semelhança de Maria e José, fazemos questão de ignorar e não poluir a carne um do outro. Se ouver um fruto que ele seja divino. O calendário no entanto prova que Carrie foi concebida mais tarde, neste mesmo ano...(KING, 1974, p. 49).

Percebe-se que Margareth White se encontra em um estado de loucura tão avançadaque transmite a Carrie a culpa que carrega, pois sua única intenção é deixarsua filha louca também, já que a menina é a evidência de seu pecado de luxúria.

Pode-se observar que Margareth White adota traços patriarcais, nos quais a mulher tende a vagar na escuridão ao que se refere a sexualidade, e adota uma postura de repressão do desejo feminino, o que pode ter acarretado em sua vida a frustação que a tornou tão fanática em relação à religiosidade. Michel Foucault (1999) em sua obra "História da sexualidade I: a vontade de saber" contribui dizendo:

> Por uma inversão que começou, provavelmente, de modo subreptício há muito tempo — e já na época da pastoral cristã da carne — chegamos ao ponto de procurar nossa inteligibilidade naquilo que foi, durante tantos séculos, considerado como loucura; a plenitude de nosso corpo naquilo que, durante muito tempo, foi um estigma e como que a ferida neste corpo; nossa identidade, naquilo que se percebia como obscuro impulso sem nome (FOUCAULT, 1999 p.146).

A experiência sexual envolve as pessoas por completo, e nela contém fatores pisicológicos, desejos, e proibições que podem acarretar no estado psiquico da histeria e loucura. Por se isolar, Carrie foi descrita como "estranha"por seus colegas que a tornaram vítima de bullying. No entanto, Carrie se encaixa no grupo de jovens mulheresde sua época que tinham ânsia de viver com intensidade, porém era impedida por sua própria mãe. Também regida por regras que a mãe impõe a jovem não nasceu estranha, tornou-se estranha e o amor por si mesma era nulo resultando em uma autoestima muito baixa, como ela mesmo afirmava:

> Por favor mãe, procure entender, eu tenho que começar a... acompanhar o mundo. Não sou como você. Sou esquisita... quero dizer, o pessoal acha que sou. Eu não quero ser. Quero tentar ser uma pessoa normal antes que seja terde... Margaret White jogou a xícara de chá no rosto de Carrie. Estava apenas morno, mas se estivesse pelando não teria se calado mais depressa (KING, 1974, pág. 74).

Um grito de socorro saia da boca de Carrie que corria o risco de enlouquecer se não tomasse precauções contra os atos repressores de sua mãe. Simone Beauvoir (1980) em sua obra *O segundo sexo vol. 2: a experiência vivida* traz de forma clara que uma mulher "Oprimida e submergida se torna estranha a si mesma pelo fato de ser estranha ao resto do mundo" (BEAUVOIR, 1980, p. 68). Carrie, por ser jovem, deveria passar por muitas provações quanto ao descobrimento do seu próprio corpo, como exemplo a própria menstruação que a deixou traumatizada, e não foi esclarecida sobre nenhuma dessas provações; Beauvoir afirma que:

> Com 16 anos uma mulher já passou por penosas provações: puberdade, regras, despertar da sexualidade, primeiras inquietações, primeiras febres, medos, nojos, experiências equívocas, encerrou todas essas coisas no coração; aprendeu a guardar cuidadosamente seus segredos. O simples fato de ter de esconder suas toalhinhas higiênicas, de dissimular as regras já a conduz à mentira (BEUVOUIR, 1980, p.94)

Nas pesquisas de Germaine Greer (2012), *The Female Eunuch*, a autora também contribui afirmando que as mulheres: must reject their roles given by the society and stop being "impotent, insecure and inferior beings GREER, 2010, p.165). Afinal a própria sociedade patriarcal foi massacradora diante à imposição de deveres femininos. Ou seja, em toda sua vida Carrie foi regida por uma criação injusta e cabia a ela tomar iniciativa própria, e aos poucos,a jovem parecia querer tomar iniciativa quanto a sua liberdade, o que tornou-se um verdadeiro tormento até os ultimos minutos de sua vida.

Margareth White é a personagem que no século XX representa o único intermédio de regras da sociedade patriarcal dos séculos passados, que é machista e jamais aprova a sexualidade feminina. O ato repressor adotado por Margareth com a personagem Carrie é a afirmação de um mundo cruel e de desigualdade, de muitas mulheres que sofrem por conta de suas sexualidades reprimidas. E quanto a Carrie, restou-lhe apenas uma possivel mudança que era limitada ao convivio das pessoas, e este convívio se tornaria possível se Carrie mudasse a forma de vestimenta e o seu posicionamente diante aos ensinamentos da mãe, o que possivelmente resultou no seu fim tragíco.

Margareth White mostra-se carcereira de Carrie do começo ao fim da obra e em determinados momentos do enredo é tida como a principal vilã, sendo Carrie a única vitíma de seus ataques horrendos, consequência de um fanatismo religioso em que outros personagens presenciaram:

> Uma única vez que fomos visitá-la, ela nos disse que estava-mos comprometidos, e que ambos iríamos para o inferno. Disse ainda que Deus havia posto uma marca invisível na nossa testa, mas que só ela podia ver. Procedeu realmente como maluca, como um morcego dentro de um galhinheiro. Sua mãe tentou ser amável, tentou descobrir o que estava acontecendo com ela. Ficou histérica, delirava falando em anjo armado de espada que passaria pelos acontecimentos dos mótéis decapitando os maus (KING, 1974, pág. 48).

O estado de hesteria é considerado por Foucault (1999) o resultado de possiveis acontecimentos que estariam relacionados à vida de cada pessoa. A justificativa para a forma de tratamento de Margareth com Carrie reside na raiva que sente da filha, pois cometeu o "pecado da carne" e o fato de Carrie ter nascido do pecado e não através de uma benção igualada á Maria mãe de Jesus, transforma Carrie em evidência do que Margareth acredita ser um erro terrível. Foucault afirma que:

> Assim, no processo de histerização da mulher, o "sexo" foi definido de três maneiras: como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; ou como o que pertence também ao homem por excelência e, portanto, faz falta à mulher; mas, ainda, como o que constitui, por si só, o corpo da mulher, ordenando-o inteiramente para as funções de reprodução e perturbando-o continuamente pelos efeitos destas mesmas funções: a histeria é interpretada, nessa estratégia, como o jogo do sexo enquanto "um" e "outro", tudo e parte, princípio e falta. (FOUCOULT, 1999, p.143).

Carrie foi condenada a exclusão social, afinal sua existência desagradava até mesmo sua mãe que acreditava que a existência da filha significava o mal. Percebe-se que Margareth White representa com muita intensidade a mulher que teme a Deus e o mau julgamento e seu temoré imensamente significativo na obra. No entanto deturpa os ensinamentos religiosos e isso a torna a principal vilã do enrredo.

Há muitas justificativas para mulheres que ainda adotam traços patriarcais, pois a mulher acredita que sua vida e ações são julgadas pela sociedade e por Deus. Simone Beauvior (1980) relata que:

> Frustradas mesmo em seus sonhos, muitas mulheres procuram auxílio junto de Deus, contra todo o amor humano; é no momento da menopausa que a coquete, a apaixonada, a devassa se faz devota; asvagas idéias de destino, de segredo, de personalidade incompreendida, que a mulher acaricia à beira de seu outono, encontram na religião uma unidade racional. A devota considera sua vida malograda como uma provação enviada pelo Senhor; sua alma hauriu na desgraça méritos excepcionais que lhe outorgam a graça singular de ser visitada por Deus; ela acreditará de bom grado que o céu lhe envia iluminações ou até que a encarrega piedosamente de uma missão (BEAUVOIR, 1980, p.348)

Margareth White, em seu fanatismo, extrapola os limites da religião e perde todo seu senso crítico eo contato com o mundo, pois acredita ser voz de uma verdade divina definitiva, o que consequentemente resulta em graves acontecimentos tanto para si quanto para sua filha.

As colocações aqui expostas discutem o fim trágico da personagen Carrie White que foi reprimida por sua mãequanto ao relacionamento sexual, ese tornou calada e excluída da sociedade, acarretando assim, em sua inexistência, na qual nada poderia dizer ou fazer, restando-lhe apenas sua revolta, na qual a morte seria a sua única forma de se libertar.

4. Considerações Finais

Por meio de uma breve análise histórica da condição da mulher até o finaldo século XIX, o presente artigo propôs um estudo relacionado à repressão sexual feminina ditada pelas normas da sociedade Americana do século XIX. O foco do estudo realizado são as personagens "Carrie White" e "Margareth White", que durante o enredo apresentamum estranho comportamento.

A luta feminista expõe a pesada herança que acompanhou as mulheres até os dias atuais e a análise realizada aponta a intensa repressão sexual dirigida a Carrie White, e demonstra de que forma a personagem Margareth White representava aspectos machistas da sociedade patriarcal. Por meio das principais personagens do conto, é possível a comparação com a realidade histórica, na qual se tinha um tipo de comportamento que representava o padrão "correto", que deveria ser o comportamento que Carrie deveria adotar em nome da castidade.

Na personagem Carrie vemos a presença do molde do puritanismo da sociedade Americana, na qual as mulheres eram submissas e vestiam-se de forma a se esconder, no entanto Carrie era considerada estranha, justamente devido sua vestimenta, seu isolamento na escola e principalmente sua incapacidade de se relacionarcom as pessoas, no entanto esse deveria ser o modelo de comportamento a ser seguido imposto por sua mãe. Quanto a Margareth White, esta apresentava um tipo de comportamento que não poderia ser adotado pelas mulheres de seu tempo, pois as mulheres dessa época possuem intensa vontade de se libertar da idealização do modelo de comportamento padrão patriarcal que Margareth representava.

Foi este um tempo insatisfatório para as mulheres, as quais tinham seus desejos sexuais reprimidos e eram resumidas a reprodução. Estas por estarem na condição de sexo frágil deveriam somente fazer aquilo que lhes era ordenado por uma sociedade na qual não se podia ferir a autoridade masculina, e por tal motivo, a liberdade sexual feminina era repugnante.

A personagem Carrie, desde a sua infância até sua fase de adolecência,adquiriu sua liberdade por enfrentar a sociedade machista que era represetadapor sua mãe Margareth White, que puniu até os ultimos segundos de sua vida o comportamento de Carrie, que pagou com a morte a escolha de não obedecê-la.

Considerando os estudos feitos, com base nos críticos citados, pode-se afirmar que a proposta deste trabalho foi explanar a repressão sexual omitida de mãe para filha na obra Carrie de Stephen King, analisar a complexidade familiar entre ambas, e os padrões de comportamento adotando aspectos da era patriarcal em que cada personagem se enquadra de forma completa.

REFERÊNCIAS

SKING, Stephen. **Carrie.** Tradução de Erika R. Engert Rizzo: Editora Nova Cultural Ltda, São Paulo, 1987.

CÂNDIDA; GANCHO, Vilares. **Como analisar Narrativas**: Editora Ática; São Paulo, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. O **segundo Sexo. A Experiência Vivida.** 2ª Ed. SP: difusão Europeia, 1967.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I : a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. Ed. graal Ltda. RJ. 1999.

GREER, Germaine. ***The Female Eunuch*** (1971). London: Harper Perennial, 2006.

ALMEIDA, João Ferreira. **Novo Testamento: Salmos e Provérbios.** Ed. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, SP. 1990.